



Relato de experiência no curso de matemática com cinco etnias no Alto Solimões, no Estado do Amazonas

Sandra de Oliveira Botelho^a, Josefina Barrera Kalhil^b, Juciene Teixeira de Souza^c

^aMestranda em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEEC), UEA, botsandra123@gmail.com

^bDoutora em Física. Docente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, josefinabk@gmail.com

^cMestranda em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEEC) UEA, jts.fis@uea.edu.br

ARTICLE INFO

Received: 25 octubre 2019

Accepted: 19 enero 2020

Available on-line: 22 mayo 2020

Keywords: Etnias, Estágio de docência, Formação de Professores, Licenciatura em Matemática.

E-mail addresses:

1 – botsandra123@gmail.com

2 – josefinabk@gmail.com

3 – jts.fis@uea.edu.br

ISSN 2007-9842

© 2020 Institute of Science Education.
All rights reserved

ABSTRACT

This article aims to report and reflect the experiences experienced in teaching internship, Academic Master's degree in education in science education in the Amazon, in the curricular component of the study Methodology, for a bunch of the first sentence of Degree course in mathematics, in the Alto Solimões, in the municipality of Atalaia do Norte-AM. It was observed that the teacher promote strategies to motivate students about the commitment to your training. The experience made it possible to know teaching strategies, as well as share knowledge with academics who were from five different ethnic groups. They are: Kanamary, Mayuruna, Marubo, Matis and Kulina. An important factor to look at this research was when faced with the difficulties of the scholars with the Portuguese Language. This is not your first language, because the ethnic groups they communicate in their language trunks, being a challenge to writing. To reflect the teaching practice in this scenario we realized that we could contribute to the improvement of them and this acknowledged that the teaching-learning process is the challenge of life. In this field, the stage of teaching is a construction and consolidation of concepts, the breaking down of barriers, overcoming difficulties and the opportunity to get to know new cultures.

O presente artigo tem como objetivo relatar e refletir as experiências vivenciadas no estágio de docência, do Mestrado Acadêmico em Educação no Ensino de Ciências na Amazônia, no componente curricular Metodologia do Estudo, para uma turma do primeiro período do curso de Licenciatura em Matemática, no Alto Solimões, no município de Atalaia do Norte - AM. Observou-se que cabe ao docente promover estratégias para motivar os estudantes quanto ao compromisso para a sua formação. A experiência possibilitou conhecer estratégias de ensino, como também compartilhar o conhecimento com os acadêmicos que eram de cinco etnias diferentes. Elas são: *Kanamary, Mayuruna, Marubo, Matis e Kulina*. Um fator importante para adentrarmos nesta pesquisa foi quando nos deparamos com as dificuldades dos acadêmicos com a Língua Portuguesa. Esta não é sua língua materna, pois nas etnias eles se comunicam em seus troncos linguísticos, sendo um desafio à escrita. Ao refletirmos a prática docente neste cenário, percebemos que podíamos contribuir para o aperfeiçoamento deles e nisto reconhecer que o processo ensino-aprendizagem é o desafio da vida do professor. Nesta seara, o estágio de docência constitui-se como uma construção e consolidação de conceitos, a quebra de barreiras, a superação de dificuldades e a oportunidade de conhecer novas culturas.

I. INTRODUÇÃO

O relato de experiência realizado na disciplina Metodologia de Ensino foi ministrada para uma turma do curso de Licenciatura em Matemática pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), na Escola Municipal Prof.º Luciney Mello Carneiro no Município de Atalaia do Norte – AM. O estágio permite ao aluno fortalecer a identidade profissional como docente, uma vez que vivencia na sala de aula as práticas pedagógicas e as metodologias do professor. Durante esta disciplina, os futuros docentes têm um primeiro contato com a realidade de uma sala de aula. Conforme afirma Silva (2008) o Estágio Supervisionado Curricular, juntamente com as disciplinas teóricas desenvolvidas na licenciatura, é um espaço de construções significativas no processo de formação de professores, contribuindo com o fazer profissional do futuro professor. O estágio deve ser visto como uma oportunidade de formação contínua da prática pedagógica.

O estágio de docência é a proposta do Programa de Estágio do Mestrado Acadêmico em Educação no Ensino de Ciências na Amazônia, na disciplina Metodologia de Estudo e teve como objetivo geral oportunizar ações diversificadas de estudos direcionadas ao processo inicial. Acerca dos procedimentos metodológicos da disciplina, as aulas foram teóricas e expositivas com retroprojeção de *slides* (produzido no PowerPoint). Além disso, houve a promoção de debate sobre os temas abordados durante as aulas e exposição oral da produção escrita. Neste cenário, houveram leituras e estudos dirigidos, em que pela manhã foi trabalhada a teoria e, à tarde, a prática.

A disciplina foi abordada através de metodologias ativas, em que os alunos foram os produtores do conhecimento. Segundo Diesel, Baldez e Martins (2018), esta prática pode ativar o aprendizado dos estudantes, colocando-os no centro do processo, em contraponto à posição de expectador. Ela promove a inserção do aluno no processo de ensino e aprendizagem. Neste contexto, o estudante deixa de ser um agente passivo (que apenas escuta) e passa a ser um membro ativo na construção do saber por meio de estímulos sobre o conhecimento e análise de problemas.

A metodologia que sustenta este relato de experiência está pautada na pesquisa bibliográfica e documental (observações participante *in loco*), portfólios, que descrevem os momentos em que a estagiária observou a prática da professora regente, como também no momento em que os alunos realizaram atividades pedagógicas na sala campo de estágio.

Severino (2007, p. 120) define a observação participante da seguinte forma:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os três pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

O desenvolvimento da disciplina durante o período foi muito importante, uma vez que os alunos obtiveram um aprendizado significativo quanto ao conteúdo estudado na disciplina, bem como pode-se aplicar o mesmo a estagiária. Sendo assim, a experiência possibilitou conhecer estratégias de ensino, compartilhar o conhecimento com os acadêmicos que eram de cinco etnias diferentes. Elas são: *Kanamary, Mayuruna, Marubo, Matis e Kulina*. Um fator importante para adentrarmos nesta pesquisa foi quando nos deparamos com as dificuldades dos acadêmicos com a Língua Portuguesa. Esta não é sua língua materna, pois nas aldeias eles se comunicam em seus troncos linguísticos, sendo isto um desafio à escrita para eles.

Portanto, este trabalho teve como objetivo, relatar e refletir algumas experiências desenvolvidas no processo do Estágio de docência, demonstrando a relação da teoria estudada no âmbito acadêmico com as práticas dentro da sala de aula. Ao refletirmos a prática docente, além de contribuir para o aperfeiçoamento desta e reconhecer que o processo ensino-aprendizagem é o desafio da vida do professor, percebemos que o estágio de docência se constitui como uma construção e consolidação de conceitos, a quebra de barreiras, a superação de dificuldades e a oportunidade de conhecer novas culturas.

O estudo apresenta relatos e reflexões acerca da experiência do estágio, em que ocorreram diferentes situações que contribuíram para a aprendizagem e formação docente. Nas considerações finais, serão destacados os resultados, reflexões e aprendizagens frente à relevância do estágio para a formação do professor, assim como os desafios para esses futuros professores de Matemática, em suas etnias, para que possam ministrar aulas utilizando a língua portuguesa como um segundo idioma para seus alunos.

Movimento em prol de uma educação superior indígena no Amazonas

Indígenas das etnias Marubo, Matis, Matsé (Mayoruna), Kanamari, Kulina da região Vale do Javari, no Amazonas, iniciaram em 2019 o primeiro período do curso de Licenciatura em Matemático promovido pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

A formação tem o objetivo de promover novos conhecimentos e, ao mesmo tempo, fortalecer a diversidade cultural, as línguas indígenas e o respeito intercultural. O primeiro período do curso iniciou em fevereiro, na cidade de Atalaia do Norte, a 1.136 quilômetros de Manaus. O curso será realizado até 2022.

O curso de Matemática “Makumakamaia” (primeira sílaba de cada povo indígena atendido no curso) pretende contribuir com o processo de formação de 30 professores das etnias Marubo, Kulina, Kanamari, Matis, Matsé (Mayoruna). A formação habilitará os professores indígenas para atuar no primeiro e segundo segmento do Ensino Fundamental, com ênfase em Matemática na língua própria e o reconhecimento da sua importância pelas instituições indigenistas, pelos professores, lideranças e comunidades indígenas.

A graduação é promovida Escola Normal Superior da UEA (ENS), por meio da Pró-Reitoria de Graduação da UEA (Prograd) e Núcleo de Educação Escolar Indígena da ENS, com financiamento do Programa de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) do Governo Federal.

O curso atende às orientações previstas na Resolução nº 1/2015 a qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em Cursos de Educação Superior e prevê que as universidades são responsáveis pela formação de professores indígenas na graduação. O curso acontece em parceria com a Gerência de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), a Secretaria Municipal de Educação de Atalaia do Norte e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

A Terra Indígena do Javari é habitada por diferentes povos indígenas (Marubos, Mayoruna, Matis, Kanamari e Kulina). Ali se encontram pelo menos quatro grupos isolados. Em nosso relato de experiências, pesquisamos em discentes sobre suas etnias, cujas informações vieram de uma conversa informal no decorrer do estágio; outras tiveram origem em alguns artigos publicados, ou ainda pelo órgão responsável (FUNAI e Funasa) e livros.

Como consequência disto, os **Kulina**, nomes alternativos: Kurína, Kolína, Curina ou Colina e Madiha apresentam classificação linguística Arawa, com população de 2.537 habitantes, (Funasa 2012), e vivem em pequenos grupos. Quando se casam, o homem vive na casa da família da esposa e tem de trabalhar para retribuir a mulher. Cada casal tem a obrigação de gerar pelo menos três filhos, a partir disto ganham o direito de construir uma casa separada e continuando juntos se desejarem. Eles acreditam que a concepção acontece sem qualquer contribuição feminina, e para engravidar, a mulher tanto pode relacionar-se apenas com o marido ou ter vários parceiros. Em qualquer dos casos, ela é a única responsável pelos cuidados com a criança.

Vivendo nas margens dos rios Juruá e Purus, os Kulina destacam-se pelo vigor com que mantêm suas instituições culturais, entre elas a música e o xamanismo. Um exemplo disso é que, apesar do antigo contato com brancos e da proximidade de algumas aldeias com centros urbanos, não se tem conhecimento de nenhum Kulina vivendo fora de suas terras.

Os povos indígenas Matsés e Kulina tem algo distintivamente, pois quando se verifica a forma com que ambos se referem a si próprios, percebe-se que o termo utilizado é o mesmo, Matsés. Porém, no trabalho com os Kulina-Pano, constatamos, *in loco*, que este grupo também utiliza "matses" para se autorreferirem. Não seria propriamente uma autodenominação, pois este termo significa "pessoas", "gente", ou ainda é um termo que os distingue dos não indígenas. Para aqueles que não fazem parte de algum grupo indígena, o termo utilizado é *matses wötsi*, ou seja, "a outra gente". No caso do Matsés e do Matis, este é o termo utilizado, mas para os Kulina (Pano), "o outro" é mayu, provavelmente seja daí que vem o termo "Mayoruna".

As línguas matis e a língua matsés, apesar de serem próximas, quando observadas em seu inventário lexical e até mesmo gramatical, fornecem evidências que são línguas distintas. Além do trabalho de léxico-estatística, também foram realizados os testes de compreensão. Reesink (1993) descreve que colocou um homem velho Matsés para ouvir os matis conversando por um sistema de rádio. Segundo ele, o velho não pode entender tudo o que era dito, mas era possível entender o assunto. Já um outro rapaz Matsés, que foi trabalhar na frente de atração do Rio Ituí, disse que, depois de alguns meses convivendo com os Matis que ali também se encontravam, pode se comunicar significativamente, mas sempre por meio de expressões simples.

Os **Marubos** apresentam classificação linguística Pano, com população de 1.814 (Funasa – 2012). Eles estão em contato com a sociedade nacional desde 1870 e foram incorporados ao trabalho de exploração da borracha. O

homem pode se casar com várias mulheres (poligamia), e cada uma delas ocupa um espaço bem definido na maloca. Por influência dos missionários, hoje, os mortos são sepultados em cemitérios, mas a cremação fazia parte dos antigos costumes desses índios, eles comiam as cinzas com mingau para que o morto pudesse continuar entre eles. A única exceção ocorre com as crianças de colo, que são enterradas geralmente entre as árvores. É uma população de 600 pessoas, que falam a língua da família Pano e vivem ao longo dos rios Ituí e Curuçá, na Amazônia, à fronteira do Peru.

Os **Matis**, nome alternativos: Mushabo, Deshan Mikitbo. Apresentam classificação linguística Pano, com população de 322 (2008). Estimados em várias centenas na época dos primeiros contatos (final dos anos 70), os Matis, falantes de uma língua Pano, não passavam de 87 em 1983. Todos os matis são monolíngues. Andam nus, raspam a cabeça, fazem orifícios labiais e auriculares e usam zarabatana. Vivem de caça pesca e coleta de produtos como o cacau e o buriti além das roças de milho, macaxeira, pupunha e cará.

Os **Mayoruna**, nome alternativo: Matsé. Apresenta classificação linguística Pano e com população de 1.592 (Funasa – 2006). Eles ainda não são totalmente conhecidos em virtude da distância onde estão localizadas as suas aldeias. Anteriormente, eles habitavam as cabeceiras do rio Gálves (Peru), formadores, juntamente com o rio Jaquirara, do rio Javari. Este por sua vez, afluente pela margem direita do rio Solimões.

Os **Kanamari** ou Katuquina, nome alternativo: Tukuna, (arawá), termo que significa “gente” e que eles estendem a todos os povos da família linguística Katukina. Eles vêm conseguindo manter a riqueza e complexidade e sua língua, mitologia e rituais. O censo dos Kanamari feito pela Funasa e estimou 1.654 pessoas em 2006. Em 2010, este número chegou a 3.167 pessoas.

O Estágio na formação da docência

O estágio é uma das etapas mais importantes para formação acadêmica de um professor, pois é durante esse momento que ele vai poder colocar em prática todo conhecimento adquirido ao longo do curso de licenciatura, unindo teoria e prática. Assim, entendemos o estágio como um campo de conhecimento que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções para o ensinar e o aprender, e que compreende a reflexão sobre as práticas pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, seja elas situadas em contextos sociais, sejam em cenários históricos e culturais.

Neste sentido, caracterizam-se como mediação entre os professores formadores, os estudantes em curso e os professores das escolas. Em sua realização, esses sujeitos se colocam atentos aos anexos e às relações que estabelecem a partir das articulações pedagógicas, bem como em perceber as possibilidades de realizarem pesquisas entre eles, tendo os problemas da escola como fenômeno a serem analisados, compreendido e mesmo superados (ALMEIDA; PIMENTA, 2014).

Contudo, esta etapa sempre amedronta os estudantes que não possuem nenhum contato com a sala de aula, visto que é uma experiência nova para eles e de início boa parte não sabe como deve agir diante da situação. Dessa maneira, as universidades devem preparar os seus alunos desde cedo para este momento, sabendo enfrentar e, sobretudo, lidar com as dificuldades: salas de aula com 40 a 45 alunos, a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular entre outros, que podem e certamente irão surgir no meio do caminho. Como explica Pimentel; Pontuschka:

Durante o curso de graduação começam a serem construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em período de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão [...] (PIMENTEL; PONTUSCHKA, 2014, p. 73).

Para tanto, Silva (2008) reforça que os estagiários precisam estar cientes de que as atividades de estágio se restringem a fase de identificação e análise da realidade escolar, sendo que, em alguns casos, são elaborados projetos de curta duração para contribuir com a instituição escolar campo de estágio. Entendemos então que, este é o momento da ação do estagiário, mas sem esquecer que não está só, pois tanto o professor supervisor do estágio quanto o professor regente da sala campo estão com ele nesse momento. Isto resultará na formação de um profissional crítico, reflexivo e seguro de si, capaz de ensinar e aprender ao mesmo tempo.

De acordo com Silva (2008) os cursos superiores, além de buscar a formação de cidadãos com competência para intervir no espaço social, pretendem preparar os alunos para o mercado de trabalho. Tal fato evidencia a

necessidade de que os alunos de cursos superiores tenham oportunidades concretas de vivenciar o exercício da profissão que escolheram, sendo o estágio um momento fundamental para o cumprimento dessa finalidade.

Então quando é que começamos a ser professor? O estágio é o primeiro momento em que podemos ser professores, assumir as primeiras experiências com a docência e aprender sobre a profissão (AROEIRA, 2014).

Sendo assim, fica evidente a importância do estágio para um curso de formação docente, uma vez que o mesmo possibilita a união da teoria vista em sala com a prática aplicada na mesma, contribuindo para a construção da identidade profissional. Para tanto, Pimenta; Lima (2010, p. 62) confirmam esta ideia falando que “A identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão [...]”. Ou seja, unindo a teoria aprendida na universidade com a prática vivenciada em sala.

II. METODOLOGIA

O estágio foi realizado com a turma do 1º período do Curso de Licenciatura em Matemática, Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), na Escola Municipal Prof.º Luciney Mello Carneiro no Município de Atalaia do Norte – AM.

A turma foi formada por trinta alunos, aprovados por seleção do processo seletivo da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, sendo os mesmos de cinco etnias diferentes: *Kanamary, Mayuruna, Marubo, Matis e Kulina*. E dois alunos da área Ribeirinha. Porém, frequentaram a disciplina somente vinte e cinco alunos.

Este trabalho conta com a abordagem qualitativa. Conforme Godoy (1995), ela se preocupa em aprofundar o estudo que acontece na realidade da sociedade, ocorrendo o desenvolvimento de um estudo com pessoas envolvidas, sendo que essa é uma maneira na qual se consegue vários dados para obter um resultado de qualidade.

Para que a estagiária/mestranda pudesse registrar as aulas dos acadêmicos, foi elaborado um termo de livre esclarecido, onde eles autorizavam a publicação de suas imagens e os seus relatos sem cunho monetários. Posteriormente, todos os Acadêmicos, por serem maior de idade, aceitaram e assinaram o termo.

A disciplina Metodologia do estudo foi oferecida sendo uma das cinco disciplinas obrigatórias do 1º período. Seguimos um plano proposto pela professora regente. Conforme o plano da disciplina, as unidades de apresentação se deram da seguinte forma: Aula inaugural; Características da disciplina; Informações gerais; Apresentação de textos e leituras de interpretação; Aula expositiva e de elaboração conjunta sobre métodos de estudo no ensino superior; Senso comum e conhecimento científico; Métodos e procedimentos científicos: Fichamento PP1; Resumo e Resenhas; Relatórios de artigos acadêmicos PP2; Seminários e projetos Normas técnicas de trabalhos acadêmicos; Elaboração e esqueleto de projeto; e Prova final.

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Descriminação das Atividades no Estágio de Docências

O coordenador do Parfor no Município de Atalaia do Norte, Prof.º Marcelo recepcionou aos alunos e apresentou-os à professora Dra. Josefina Barrera Kalhil da disciplina Metodologia do Estudo, enfatizou a importância da disciplina no curso de Matemática, esta iria nortear todo o direcionamento de estudo para os discentes durante sua vida acadêmica. Expôs que os horários das aulas seriam no turno matutino e vespertino.

A professora regente apresentou-se para turma, fazendo uma breve descrição de sua trajetória acadêmica, sua nacionalidade cubana, falou um pouco sobre o período em que realizou o seu doutorado na Rússia, e revelou que trabalha no Brasil a mais de dez anos como professora da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Ela apresentou a mestranda/estagiária, que é sua orientanda no Mestrado Acadêmico em Educação no Ensino de Ciências na Amazônia, pela UEA. E estava ali para o cumprimento do Estágio de docência que é um dos requisitos do Mestrado.

Deu continuidade destacando a proposta da disciplina Metodologia de estudo, e em concordância com os alunos elaboraram um “Contrato Didático” (regras dentro da disciplina para serem realizadas: participação, regras

de boa convivência e assiduidade o cumprimento do horário de aula) e a montagem de um Glossário (palavras desconhecidas e seus significados).

Foi apresentada a ementa da disciplina, com explicação do desenvolvimento dos conteúdos a serem abordados, bem como a proposta que seria utilizada nas aulas, ou seja, o material didático (qualquer recurso de apoio para a mediação do conhecimento). Em seguida, a professora apresentou *slides* com imagens: 1º imagem; uma sala de aula, em que faz um contexto histórico do século XIX e do século XXI, a posição dos alunos na sala. Logo após, abriu para os alunos falarem o que compreenderam. No primeiro momento, apenas dois comentaram os demais estavam muito tíctos; 2ª imagem, com uso de recursos tecnológicos; 3º e 4º sobre o processo cognitivo. A professora instigava os alunos a falarem questionando o que eles conseguiam vê na imagem ou relacionar com o seu cotidiano.

Apenas quatro alunos participaram, sendo que na sala estavam presentes vinte e quatro alunos. Na disciplina Metodologia de estudo, frequentaram vinte e cinco alunos assiduamente.

A professora regente ao perceber a timidez dos alunos para participar da aula, propõe que eles escrevessem uma palavra que representasse suas expectativas quanto à disciplina a ser estudada, após, pediu para que escrevessem um parágrafo sobre a palavra.

No período da tarde, foram dados alguns minutos para terminarem o parágrafo, corrigido pela professora e lido individualmente para todos na sala.

Foi distribuído o texto: *A importância do ato de ler*, a docente usou como estratégia leitura individual e silenciosa, depois a leitura ocorreu em grupo. Ela pediu aos alunos para sublinharem as palavras desconhecidas de seu vocabulário e acrescentassem no glossário. Além disso, foi realizada a interpretação do texto. Em seguida com as palavras destacadas pediu-se que retirassem oito palavras para escreverem um parágrafo.

À conclusão do dia, a professora pediu que falassem em uma palavra, o que cada um sistematizou do primeiro dia, todos falaram, algumas palavras citadas, tais como: raciocínio, cognitivo, diferenças, aprendizado, conhecimento, aprender, estudar, compreender, e etc.

No primeiro contato com a turma, identificamos quatro alunos com dificuldade em escrever na língua Portuguesa por eles utilizarem o seu tronco linguístico de acordo com sua etnia. Mas isto não foi empecilho para que eles pudessem acompanhar os demais colegas da turma. Com eles realizamos um atendimento individualizado quando as atividades propostas deveriam ser cumpridas individuais, e, por conseguinte quando as mesmas foram em equipe os colegas os ajudavam.

O convívio permanente dos índios com a sociedade faz com que eles acabem por perder sua língua original, passando a falar apenas o português. De algumas ainda restaram vocábulos e informações esparsas. De outras, não ficou sequer resquícios, o que se constitui numa grande perda. Cada uma delas expressava toda uma cultura e uma forma única de encarar o mundo.

Como pontua Reesink (1993) houve, a partir da década de 1980, um grande desenvolvimento no estudo da linguística indígena, com um maior engajamento de estudiosos do assunto, contribuindo para a formação de especialistas, estes últimos também envolvidos com programas para formar professores indígenas. Sendo assim, as línguas indígenas brasileiras ainda existentes possuem uma enorme diversidade linguística, tanto no que se refere à organização dos sistemas de sons quanto à estrutura gramatical. Deste modo, é importante salientar que poucas delas foram estudadas com profundidade, estando o seu conhecimento em constante revisão.

Voltando a sala de aula, a professora deu as boas-vindas e alguns alunos falaram em seu tronco linguístico. Este é *ada isucuno* cuja etnia é *Mayuruna*. Assim sendo, eles falaram um pouco de sua etnia e de como ensinaram os alunos sobre vogais, ver figura 01. Falaram também como era o ensino em suas etnias. Revelaram que não havia livros, usavam exemplos do ambiente, sempre orientando os alunos a aprenderem o tronco linguístico e se houvesse curiosidade eles ensinavam as palavras estudadas na língua portuguesa, sendo estas poucas vezes citadas.

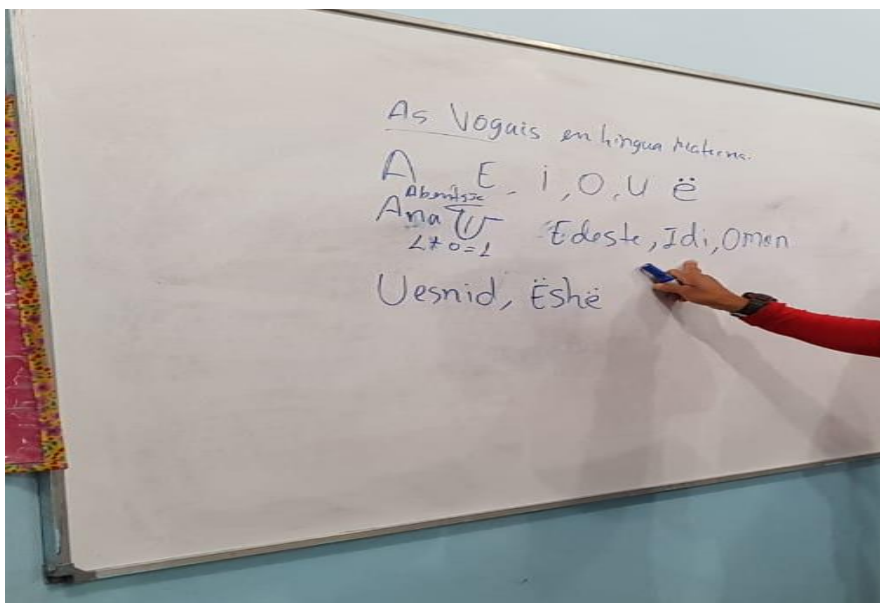


Figura 01: Um acadêmico, etnia Marubo, demonstrando no quadro as vogais na língua materna e como eles ensinam os alunos em suas etnias.

Os acadêmicos relataram que para estudar viajam de 4 a 8 noites de barco pelo rio Javari. Alguns, como não tinham alojamento e nem família em Atalaia do Norte, ficam em seus barcos, ver figura 02, junto à família. Eles recebem ajuda de custo do governo Federal.



Figura 2: Os barcos dos acadêmicos, onde eles ficam alojados durante o período que vem realizar as disciplinas em Atalaia do Norte.

Após a professora regente realizar a frequência, a estagiária explicou para turma que eles precisariam realizar a Atividade Integradora. Esta é uma atividade de carga horária de 200 horas eletivas a serem cumpridas durante o período de todo o curso. Em cada disciplina eles precisam realizar essa atividade integradora para o cumprimento de 8 horas/aulas. Como proposta, eles iriam apresentar a característica de sua etnia/cultura, e por serem professores em suas aldeias, iriam expor como abordariam os alunos. O dia da apresentação foi dia 28 de fevereiro, no horário noturno.

Os alunos escreveram um texto, a partir da leitura, interpretação oral e seleção de palavras-chaves do texto principal – A importância do ato de ler (BRIUNI, 2016).

Podemos elencar o título dos textos elaborados pelos alunos: Gostar de aprender Matemática; Conhecimento cultural de outros povos; Leitura o prazer da leitura, para vida acadêmica; Professora; Material didático; A leitura

é importante na sala de aula; Minha Família; A cultura do povo Kanamary; O povo; O conhecimento de ensino para enriquecer; A vida indígena; Minha aldeia, relação com a natureza; A Escola para as crianças desenvolverem; Conhecimento de transportes; a caça, maloca e costumes; A saúde; Minha família, estudar e ensinar; O cacique e sua maloca; Estudando com prazer a matemática; Estudo da matemática; A leitura; Os alunos; A relação de estudar matemática; A importância da cultura do povo Kanamary; e o Respeito à natureza.

Prosseguindo, a professora apontou as considerações sobre os textos relacionados ao conteúdo método de estudo no ensino superior.

A partir de alguns textos criados pelos alunos, foi ministrada a explicação sobre Senso Comum e Conhecimento Científico, mediado pela estagiária, no texto: A cultura do povo Kanamary (o aluno descreve de forma sucinta a cultura de seu povo). Com efeito, o discente citou que em sua aldeia quando uma criança está com muita febre o pajé vai até o mato e colhem várias ervas, faz uma mistura e dá banho na criança e ela é curada. Partindo deste texto, expusemos que tudo o que aprendemos com os nossos antepassados e não está comprovado cientificamente é considerado senso comum, e aquilo que cientistas estudaram e comprovaram experimentalmente sua utilidade é conhecimento científico.

Para Appolinário (2011, p. 24), ciência é “uma forma especial de produção do conhecimento. É uma maneira específica de explicar a realidade, caracterizada pelo uso da razão associada à experimentação”.

O senso comum se refere a todo o conhecimento que vem das experiências do dia a dia. Trata-se de um conhecimento de nível básico adquirido através das relações com outras pessoas, do convívio com familiares e amigos, da capacidade de reagir e resolver um problema cotidiano, entre outras tantas situações. É preciso, contudo, tomar cuidado com o senso comum, pois a falta de um conhecimento aprofundado pode contribuir para a propagação de teorias não verdadeiras, ou ainda, meias verdades. Tomar decisões baseadas no senso comum é um tanto perigoso, pois pode acabar em teorias preconceituosas e inverdadeiras, criando um conflito entre as pessoas envolvidas.

Por outro lado, o conhecimento científico é a continuação do senso comum. Trata-se de ir buscar, em fontes confiáveis e seguras, informações sobre um determinado assunto. É também muito utilizado, por exemplo, para desmistificar fatos não verdadeiros que foram criados com base no senso comum. O conhecimento científico, como o nome indica, é o conhecimento provindo da ciência. É a busca constante pela razão por meio de pesquisas e estudos aprofundados. Como foi explicado, o conhecimento científico tem como base o senso comum, mas não se limita a ele. Em síntese, utiliza-se das experiências para um maior aprofundamento em um determinado assunto, mas dessa vez, com base apenas na razão. O conhecimento científico se utiliza de teorias e, na maioria das vezes, de grandes pensadores, estes já renomados e reconhecidos nacional e internacionalmente.

Os alunos citaram vários exemplos de senso comum que ocorrem em suas etnias:

Aluno A: Minha vó não deixava comer arroz do fundo da panela, porque iria casar com velho.

Aluno B: A mulher quando está grávida não pode comer bodó (peixe), porque a criança pode nascer como um bodó (peixe).

Aluno C: Na aldeia faz a pajelança usando a fruta jenipapo para prevenir várias doenças.

Aluno D: Na aldeia quem faz o parto é o pajé, se a mulher tiver filhos gêmeos eles matam, porque trazem maus espíritos para a aldeia. Eles não comem nenhuma fruta que estejam juntas (gêmeas) eles jogam fora.

Aluno E: Na aldeia quando as meninas têm a sua primeira menstruação (menarca), ficam isoladas, não podem tomar banho, apenas a mãe pode ir levar comida uma vez ao dia.

Aluno F: Nos jovens são aplicados veneno de sapo, para que espante a preguiça, (a indisposição para a caça e o trabalho).

Este momento foi enriquecedor para eles, pois tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da outra etnia, porque eles não tinham essa troca de experiência; afinal, vivem isolados e cada um com suas crenças e costumes. Partindo, desta discussão e debate sobre a compreensão dos termos, isto é, senso comum e conhecimento científico, foi significativo e compreendido. Nisto, percebemos como também eles relacionaram exemplos de conhecimento científico, tais como: a vacina, os remédios, as tecnologias e demais assuntos.

Reuniram-se por etnia e escreveram alguns textos sobre suas crenças e costumes.

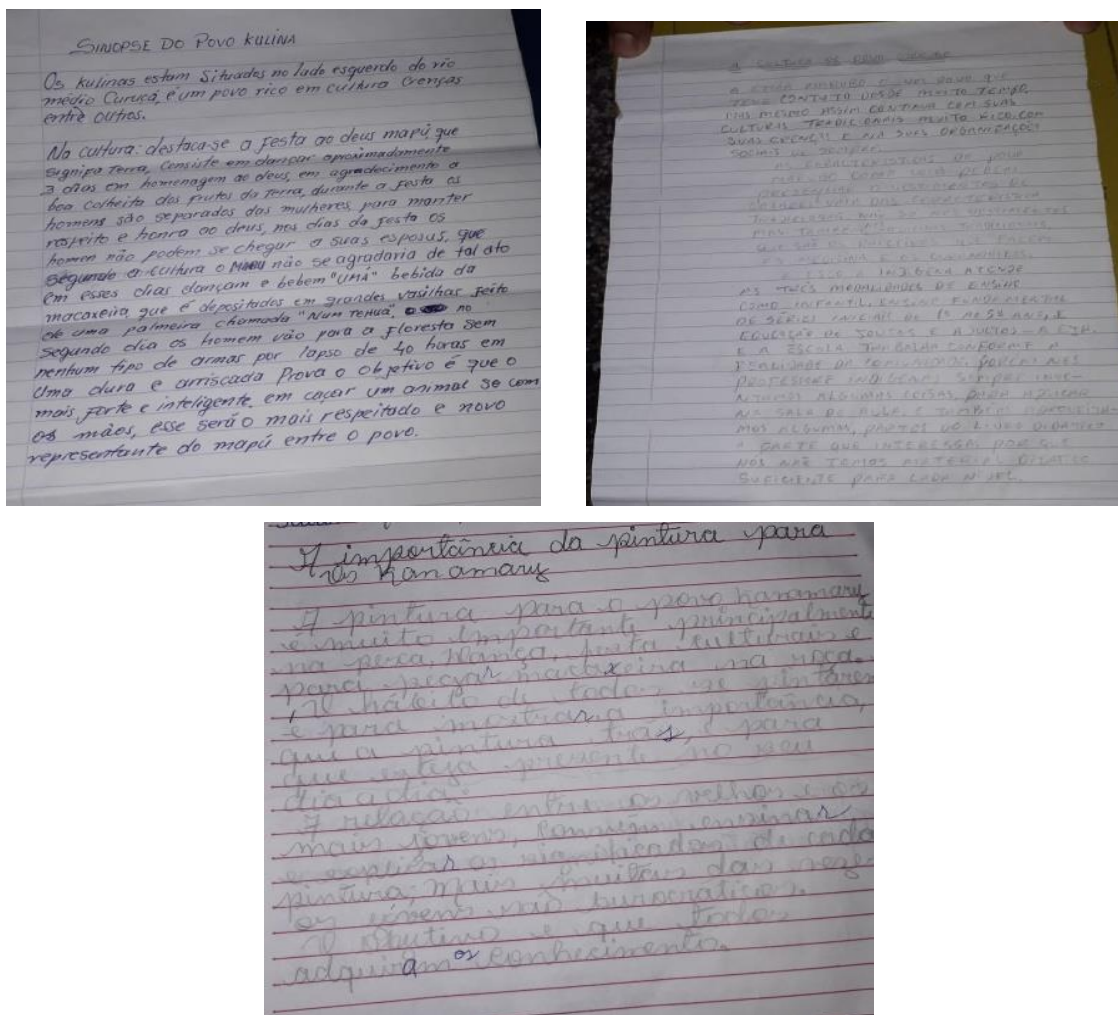


Figura 03: Textos livres redigidos pelos alunos, sobre suas etnias destacando o senso comum.

A aula iniciou com a socialização do texto Técnica de leitura (RANAL, 2017), os alunos leram o texto individual e coletivo, fizeram a interpretação do texto e destacaram as palavras novas. Depois, discutiram e reescreveram um parágrafo do texto.

Neste dia, a professora apresentou o conteúdo programático **Resumo**, suas regras básicas. O Resumo (narrativa que apresenta condensação do conteúdo, análise interpretativa e tem como proposta também criticar ideias referentes ao texto, como também colocar a sua opinião sobre o texto). Partindo dos textos e leituras complementares, sem que os alunos se esqueçam de identificar no texto as palavras-chave, sendo estas de três a cinco palavras.

Avançando, houve a produção dos alunos. Foi pedido que eles descrevessem o que fazem em suas aldeias, identificando as palavras-chave. Paralelo a isso, foi determinado um tempo para que organizassem suas ideias. Depois, orientados a realizar a exposição oral do seu manuscrito.

Dando continuidade, foi realizada uma atividade em grupo com a utilização de um folder de orientação social sobre assédio sexualidade, pornografia e tráfico infantil. Para realização do trabalho em grupo, foi necessário dividir os alunos no momento que a professora utilizou a técnica de numeração 1, 2, 3, 4 e 5 para cada aluno. Após a numeração, eles se juntaram em grupo 1, 2, 3, 4 e 5. Os alunos foram misturados, havendo dificuldade, de alguns colegas, em não querer sentar-se com outros por não serem das mesmas etnias. A professora entrevistou contornando que eles precisam interagir com os demais colegas, que na academia precisamos estar sempre disponíveis/dispostos para mudanças. Assim, aceitaram em realizar a atividade.

Com os folders eles leram, escreveram um resumo e identificaram as palavras-chave.

A docente fez a correção e pontuou as dificuldades que apareceram no decorrer do trabalho.

Dando continuidade ao conteúdo programático com auxílio do *data show*, apresentou em slide o tema: Resenha, as regras básicas deste gênero, tal como escrevê-lo e a exposição da diferença entre Resumo e Resenha.

Para os alunos assimilarem o que foi explicado, eles fizeram um resumo do que estudaram desde o começo da disciplina. A professora e a estagiária fizeram a correção individualmente.

Após este momento, os alunos reuniram-se em equipes por etnia para pesquisar, definir e organizar a **Atividade Integradora**, com a orientação da professora e da estagiária.



Figura 04: Equipe Marubo sendo orientados pela professora regente.



Figura 05: Equipe Mayuruna, o acadêmico Ricardo direcionando a equipe sobre o que irão apresentar.



Figura 06: Equipe Matis e Kulina, os acadêmicos Binin e Robson, sendo orientados pela professora regente.



Figura 07: Equipe Kanamary, organizando sua proposta de apresentação da Atividade integradora.

A professora regente começou a aula com a técnica do **Conto da Fala**, o aluno deveria continuar o pensamento da fala do colega anterior. Esta motivação foi bem interessante, o primeiro aluno começou a falar sobre o dia anterior que estudaram sobre resumo e resenha e pontuando a diferença; outro aluno deu continuidade ao pensamento. No quinto aluno, o pensamento inicial não estava mais sendo citado, ele destacou o a cultura de sua aldeia. Esta técnica leva o aluno a ter concentração e desenvolve o pensamento cognitivo, o raciocínio lógico, coerência em sua fala e organização do pensamento.

Com efeito, realizaram a primeira avaliação, ver na figura 08, escreveram um Resumo do Texto: A importância do hábito de ler (CRISTINE, 2015). Destacando a palavra-chave. A professora regente fez a correção e elencou alguns erros, no quadro branco, para serem discutidos e melhorados pelos alunos.



Figura 08: 1ª Avaliação para os acadêmicos pelo uso de sua língua materna, alguns demonstraram ter dificuldade em organizar a ideia do texto na língua portuguesa.

No segundo momento, foi distribuído o texto: A história do ensino da matemática na sala de aula (MIRANDA, 2015). Este foi lido individual e coletivamente. Eles fizeram a interpretação do texto e identificaram as palavras novas para o glossário, e fizeram uma síntese e o apresentaram.

A aula começou com uma conversa informal sobre as crenças e costumes de cada etnia, tais como: Kanamary, Mayuruna, Marubo, Matis e Kulina. Posteriormente, a professora fez um link, da abordagem dos alunos e começou a explicar o conteúdo, métodos e procedimentos científicos, como: fichamento, explanação com o *data show*, uso de *slides* (definições, classificação e as regras de um fichamento).

Para que os alunos pudessem exercitar o conteúdo trabalhado, a professora fez a doação de livros para os alunos, ver figura 9. Eles fizeram o fichamento do livro que ganharam como também troca para exercitar com outros livros, indicando a referência do livro, como: nome do autor, nome da obra, volume, edição, local de publicação, localização, ano e página.

Ao terminar, eles leram o seu fichamento e fizeram uma explicação breve do conteúdo do livro.



Figura 09: Doação dos livros, para que pudéssemos abordar os conteúdos resenha, fichamento, resumo e demais da ementa da disciplina. A professora regente fez doação de livros para os acadêmicos.

No período da tarde, a professora realizou a explanação do conteúdo: Relatório e Artigos acadêmicos, através de *slides* com o auxílio da estagiária/mestranda, que apresentou alguns exemplos de relatório e artigos acadêmicos. Os alunos fizeram questionamentos e as discussões participativas. Eles fizeram as anotações no caderno por não terem acesso ao livro didático. Uma das dificuldades encontradas foi à falta de livros acadêmicos para auxiliar os alunos em suas leituras e pesquisas.

A aula começou com a 2ª avaliação, ver figura 10, para a elaboração de um fichamento com um assunto retirado do livro escolhido pelo aluno. Desta avaliação, os acadêmicos ainda pontuaram muita dificuldade com as regras gramáticas da língua portuguesa. Como a professora regente precisa avaliá-los, para a produção de fichamento foi necessário um auxílio maior por parte da estagiária para que os acadêmicos concluíssem sua avaliação.

O tema da aula foi “Seminários e projetos, Normas técnicas de trabalhos acadêmicos”, sendo esta expositiva e dialogada através de *slides*. A professora, em conjunto com os alunos, descreveu as partes pré-textuais de um trabalho acadêmico.



Figura 10: 2ª Avaliação os acadêmicos elaboram um fichamento.

No período da tarde deu continuidade da explanação quanto a definição, como utilizar, porquê, como escrever, organizar as ideias de um seminário.

A docente questionou os alunos sobre a diferença entre resumo e resenha. Ela perguntou: Para que fazer um fichamento? No artigo acadêmico na primeira página tem um resumo, por quê? Todos os alunos responderam, alguns com respostas evasivas, repetidas dos demais colegas; outros, conseguiram organizar o pensamento e explicaram com embasamento da explicação da professora.

Na turma foram identificados quatro acadêmicos que apresentavam muita dificuldade na escrita dos textos, interpretação dos textos e na compreensão da língua portuguesa, por utilizarem somente seu tropo linguístico.

Realização da Atividade integradora

Atividade integradora é uma atividade que os alunos irão receber 8 horas de atividade extraclasse, com o objetivo geral: socializar as crenças, costumes e cultura de cada etnia, através de uma atividade integradora. Eles apresentaram caracterizados.

A equipe ribeirinha, ver figura 11, fez um breve relato. A equipe Matis, ver figura 12, apresentou no *slide* uma das suas crenças. A criança e o (a) adolescente devem passar por um ritual onde os mais velhos se pintam todo de preto e colam folhas de samambaias no corpo e se agacham, e com um cipó a criança ou o (a) adolescente entra na oca, recebe chicotadas nas costas, para que perca o medo dos animais e quando crescerem se tornarem corajosos e guerreiros. A equipe Kulina apresentou uma sinopse de sua etnia, ver figura 13.



Figura 11: Equipe Ribeirinha



Figura 12: Equipe Matis



Figura 13: Equipe Kulina

A equipe Kanamary, ver figura 14, Mayuruna, ver figura 15, e, a equipe Marubo, ver figura 16, fizeram uma breve explicação do que fazem na aldeia e apresentaram um ritual de dança para trazer prosperidade a etnias.



Figura 14: Equipe Kanamary



Figura 15: Ritual da caça



Figura 16: Ritual da prosperidade

Neste dia, a professora fez algumas considerações da atividade integradora, em que todos estavam de parabéns por terem se empenhado e apresentarem um pouco de sua cultura.

Através do recurso de *slide*, a professora apresentou as regras do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, que no último período os alunos deverão entregar escrito e, depois, apresentá-lo. Ela expôs ainda que eles terão um orientador para auxiliá-los quando estiverem neste processo. Os alunos foram participativos com perguntas pertinentes sobre o TCC.

Para a que os alunos possam escrever seu TCC, precisaram primeiro fazer um projeto de pesquisa. Sendo assim, isto foi apresentado pela professora por meio de *slides* a maneira de como elaborar o esqueleto do projeto e houve bastante discussão e questionamentos pelos alunos. A estagiária e a professora responderam todos os questionamentos. Neste momento, foram indicados alguns livros de metodologia científica para que eles pudessem começar a ler e esclarecer melhor suas dúvidas.

A docente apresentou alguns projetos de pesquisa dentro da área de educação, a estagiária apresentou o projeto de pesquisa que está desenvolvendo sua dissertação.

Para finalização da aula foi realizado uma revisão geral de todo o conteúdo abordado, como: senso comum, conhecimento científico, resumo, resenha, fichamento, relatório, artigo científico, elaboração de projeto e TCC, onde os alunos puderam tirar suas dúvidas para a realização da Avaliação final que foi aplicada no dia posterior.

Na aplicação da avaliação final, ver figura 17, a professora regente fez a correção, o lançamento na planilha de avaliação. Todos os alunos assinaram e ficaram cientes de suas notas.



Figura 17: Avaliação final. Os acadêmicos foram obtiveram um melhor desempenho ao redigir e respondeu sua avaliação, utilizando a língua portuguesa.

Ao finalizar a disciplina, a professora regente fez suas considerações em relação ao desenvolvimento da turma. Ela agradeceu o compromisso e a responsabilidade assumida por todos, cumprindo o “Contrato Didático”. A estagiária fez suas considerações, agradecendo e estimulando a turma em continuarem estudando. Por fim, alguns alunos fizeram agradecimentos para a professora regente, pelo empenho e dedicação em ensiná-los não somente o conteúdo programático da disciplina, como também a promover uma reflexão quanto sua vida pessoal, acadêmica e profissional.



Figura 18: Turma do 1º período de Licenciatura em Matemática.

CONCLUSÃO

A experiência em realizar o estágio no município de Atalaia do Norte durante um período de 20 dias foi enriquecedora. Ter o contato com pessoas que fazem parte de cinco etnias diferentes (Kanamary, Mayuruna, Marubo, Matis e Kulina) e alunos da área Ribeirinha com culturas diversificadas foi algo edificante.

A professora regente utilizou de metodologias diferenciadas, onde todos puderam interagir e participar ativamente. Em nosso artigo conseguimos atingir nosso objetivo, bem como relatar e refletir algumas experiências desenvolvidas no processo do estágio de docência, demonstrando a relação da teoria estudada no âmbito acadêmico com as práticas dentro da sala de aula.

A oportunidade de poder auxiliar os acadêmicos na língua portuguesa quanto ortografia, acentuação, pontuação, concordâncias verbal e nominal. Na construção de seus resumos, tais como resenhas e fichamento, podemos verificar uma troca de experiência em conhecer a cultura de cada etnia.

AGRADECIMENTO

Agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa – FAPESP, pela bolsa de estudo ter financiado para a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

Appolinário, F. Dicionário de Metodologia Científica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.

Almeida, M. I. de; PIMENTA, S. G. Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos. In. ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. (org.) Centralidade do estágio em cursos de Didática nas Licenciaturas: rupturas e ressignificações. São Paulo: Cortez, 2014.

Aroeira, K. P. Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos. CTI (Centro de Trabalho Indigenista). Diagnóstico sobre a Educação Escolar Indígena na T.I. Vale do Javari. 2008. Disponível em: http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/Javari_Diagnostico%20Escolar%20_2008.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2019.

Briuni, E. da C. A importância do ato de ler. 2016. Site: Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/ato-ler.htm>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2019.

Cristine, H. A importância do hábito de ler. 2015. Site: Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/a-importancia-habito-ler.htm>. Acessado em 04 de janeiro de 2019.

Diesel, A.; Baldez, A. L. S.; Martins, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. 2018. Disponível em: < <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/404/295> > Acesso em 20 maio, 2019.

Godoy, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20- 29, 1995.

Miranda, D. A história do ensino da matemática na sala de aula. 2015. Site: Mundo Educação. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-historia-ensino-matematica-na-sala-aula.htm>. Acessado em 04 de janeiro de 2019.

Silva, L. C. da. Estágio supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades. In. MIRANDA, Maria Irene. (org.) Prática de ensino e estágio supervisionado: o diálogo entre as discussões teóricas e a prática cotidiana. Araraquara, SP: Junqueira e Marin; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2008.

Pimenta, S. G.; Lima, M. S. L. Estágio e docência. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Pimentel, C. S.; Pontuschka, N. N. Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos. In. Almeida, M. I. de; Pimenta, S. G. (org.) A construção da profissionalidade docente em atividades de estágio Curricular: experiência na educação básica. São Paulo: Cortez, 2014.

Ranal. A. Técnica de leitura. 2017. Site: Prime Curso, Curso a distância. Disponível em: <https://www.primecursos.com.br/blog/tecnicas-de-leitura-nao-sofra-para-interpretar-textos-siga-nossas-dicas/>. Acessado em 02 de janeiro de 2019.

Severino, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Silva, N. R. G. Estágio supervisionado em pedagogia. Campinas: Alínea, 2011.

REESINK, Edwin, Nosso Parente: algumas considerações sobre o parentesco entre os Kanamari. Salvador: [s.n.], 1993.